

**INFOGRAFIA, CIBERESCRITA OU HIPERESCRITA:
UMA DISCUSSÃO PARA ALÉM DA NOMENCLATURA**

05/2005

126-TC-B3

Emanuel do Rosário Santos Nonato

UNEB

santosnonato@uol.com.br

Categoria: B

Setor Educacional: 3

Natureza: B

Eu, Emanuel do Rosário Santos Nonato, comprometo-me, caso meu Trabalho **“Infografia, Ciberescrita ou Hiperescrita: uma discussão para além da nomenclatura”**, de minha autoria, seja aprovado pela Comissão Científica do 12º Congresso Anual da Associação Brasileira de Educação a Distância – “A Educação a Distância e a Integração das Américas”, a comparecer para sua apresentação, no dia e hora previamente comunicados, e autorizo sua imediata publicação no site da instituição. É ciente para o autor do Trabalho a necessidade de ser associado, com os pagamentos das anuidades em dia. Salvador, 15 de maio de 2005.

Emanuel do Rosário Santos Nonato

Emanuel do Rosário Santos Nonato

INFOGRAFIA, CIBERESCRITA OU HIPERESCRITA: UMA DISCUSSÃO PARA ALÉM DA NOMENCLATURA

Emanuel do Rosário Santos Nonato¹

Resumo:

Este texto busca discutir o conceito de infografia enquanto categoria válida para definir o modus operandi das interações entre linguagens verbais e linguagens não verbais no âmbito do hipertexto eletrônico, gerado no contexto da reestruturação do Capitalismo e conseqüente substituição do Industrialismo pelo Informacionalismo, bem como da lógica cultural do Capitalismo tardio, seu lugar e sua importância como mecanismo integrante e indispensável na constituição do hipertexto e definir os limites conceituais dentro dos quais se circunscreve a infografia. Busca ainda advogar em favor da maior coerência do termo infografia em oposição à ciberescrita e à hiperescrita para designar a escrita híbrida e multifacetada que caracteriza o hipertexto eletrônico.

PALAVRAS-CHAVE: Infografia, Pós-Modernismo, Informacionalismo, Capitalismo.

INTRODUÇÃO

No âmbito da pesquisa de Mestrado que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação – Campus I – da Universidade do Estado da Bahia intitulada “*Formação do Hiperleitor: características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação crítica do aluno-hiperleitor*”², uma análise dos processos de escrita sobre aparto informacional se fez necessária para subsidiar a intervenção no campo empírico e a elaboração do trabalho final, servindo de pretexto para este texto.

A partir do advento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – na segunda metade do século passado, todos os mecanismos de produção e gerenciamento da informação e da comunicação foram submetidos a novas dinâmicas, nascidas da necessidade do Capitalismo de otimizar esses procedimentos no processo de sua reestruturação, tornando-os mais eficazes para que os lucros se maximizassem. Essa transformação levou à superação do modo de produção industrial e ao conseqüente desenvolvimento do modo de produção informacional no âmbito do próprio Capitalismo, no bojo de seu processo de reestruturação no período compreendido entre os anos sessenta e oitenta.

No que concerne a esse novo modo de produção capitalista, o fator central é a informação tomada enquanto produto e processo. Nesse sentido, o

novo modo de produção que se tem denominado de informacional se funda sobre a compreensão de que

the new technological paradigm is characterized by two fundamental features. First, the core new Technologies are focused *on information processing*. This is the primary distinguishing feature of the emerging technological paradigm. [...] All major technological changes are in fact based on new knowledge. However, what differentiates the current process of technological change is that *its raw material itself is information, and so is its outcome*. [...] The second major characteristic of the new technologies is in fact common to all major technological revolutions. The main effects of their innovations are on *process*, rather than on *products*³ (CASTELLS, 2002, p. 13-14).

Dentro desse contexto, o surgimento da *World Wide Web* (www) possibilitou uma multiplicação infindável de interconexões capazes de, estabelecendo uma rede de computadores, potencializar a colaboração produtiva e o desenvolvimento de coletivos inteligentes em uma escala até então impensável. Há, porém, que se observar que

all major technological changes are in fact based on new knowledge. However, what differentiates the current process of technological change is that its *raw material itself is information, and so is its outcome* (CASTELLS, 2002, p. 13).

Informação é, por conseguinte, o ponto fundante desse processo e o modo como ela é produzida e difundida o seu elemento central. Manuel Castells evidencia muito claramente a novidade da atual revolução tecnológica: um novo manejo da informação, seu deslocamento do campo dos processos para o campo último dos produtos.

Como desdobramento desse processo de transformação, o hipertexto eletrônico, como nova possibilidade de construção textual, nasce e com ele novas possibilidades de construções verbais e não verbais, justapondo, fundindo, imbricando e potencializando as linguagens humanas em condições e com uma profundidade até então não trilhados, ao menos não com esse grau de interdependência e de concretização.

O HIPERTEXTO E A MULTIPLICIDADE DE LINGUAGENS

Como consequência direta desse processo de maximização das possibilidades de produção e difusão da informação e de otimização dos meios de comunicação, o hipertexto eletrônico – gestado em potência nos anos quarenta – surge como um desdobramento necessário desse processo, imbricado na dinâmica de multiplicidade de fontes e pluralidade de olhares que está embutida na sociedade em rede (CASTELLS, 2005). Nesse sentido, é fundamental entender que

a rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas

perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens de sentido (LÉVY, 1993. p. 26).

Por hipertexto, entende-se “um conjunto de nós ligados por conexões” (Idem. p. 33), no que concerne à técnica, e “um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação” (Idem. Ibidem), no que concerne a seu funcionamento.

Já com a difusão de mecanismos de comunicação como o rádio e a televisão, que além de abandonar a via escrita, se mostraram mais rápidos e mais eficazes para a comunicação de massa, estabeleceu-se uma nova lógica nos processos de comunicação e difusão da informação: se ainda cabia à escrita o lugar privilegiado de meio de construção e difusão do conhecimento, já não mais cabia a ela a primazia na construção de pontes com as massas e o gerenciamento das informações mais urgentes que, por sua própria natureza, demandavam um meio mais célere. É bem verdade que a escrita não foi totalmente abandonada para fins de comunicação imediata, e até hoje se possa encontrar mecanismo céleres de comunicação como o telegrama que, em última análise, utilizam também a escrita em sua estrutura. Todavia, é também verdade que, pouco a pouco, ela perdeu sua hegemonia e tornou-se apenas *æqualis inter pares* no que concerne aos códigos usados na comunicação.

Quando surge o hipertexto, ele já encontra a escrita em uma posição muito menos hegemônica do que se tem considerado, porquanto já restrita a ambientes comunicativos específicos, não mais entendida como único meio legítimo para a difusão de informações fora do mesmo eixo espaço-temporal. Entretanto, não se pode minimizar a importância da dinâmica multifocal do hipertexto como viabilizadora dessa pluralidade de linguagens que habita o hipertexto, tanto do ponto de vista material, na medida em que o suporte informacional gerou uma estrutura capaz de fazer interagir múltiplas linguagens, quanto do ponto de vista ideológico, porquanto a perspectiva de desmonte das estruturas centralizadoras e homogêneas que presidiam a produção e difusão do conhecimento parece implicar necessariamente no reordenamento da hierarquia existente no âmbito das linguagens, possibilitando a interação de códigos até então díspares e inconciliáveis. Dentro dessa lógica, parece pertinente afirmar que o imbricamento de várias linguagens no corpo do hipertexto não pode ser tido como acidental, mas eminentemente intencional, necessário e *conditio sine qua non* da própria existência do hipertexto enquanto tal. Nesse sentido, para além de suas características técnicas e funcionais, impõe-se a multiplicidade de linguagens como característica estrutural do hipertexto. George P. Landow explicita claramente esse fator ao asseverar que

because hypertext systems link passages of verbal text and images as easily as they link two or more verbal passages, hypertext includes hypermedia. Moreover, since computing digitizes both alphanumeric symbols and pictorial images,

electronic text is theory easily integrates the two. In practice, popular word-processing programs, such as Microsoft Word, have increasingly featured the capacity to include graphic materials in text documents. Linking, which permits an author to send the reader to an image from many different portions of the text, makes such integration of visual and verbal information even easier (LANDOW, 1997, p. 59).

De certo, é desse imbricamento que hipermediático que nasce o que se tem chamado de infografia, uma linguagem híbrida, nascida da imbricação de múltiplas linguagens, não verbais e verbais, comportando uma relação não-hierarquizada entre as linguagens.

Hipertexto e Infografia são, assim, elementos indissociáveis porquanto marcados por um destino comum: eles se interlegitimam. A possibilidade de uma existência dissociada parece imponderável, na medida em que suas características e suas funções estão intrinsecamente ligas por um nexu causal que toca mesmo na origem dessas categorias. É mediante a infografia que o hipertexto pode realizar sua vocação de pluralidade de códigos e multiplicidade de abordagens. Por outro lado, só no hipertexto a infografia encontra o lugar privilegiado de sua consumação, o suporte adequado para sua constituição.

O PROBLEMA DA NOMENCLATURA

No que concerne aos procedimentos de construção do hipertexto a partir da hibridização de linguagens verbais e não verbais, ainda não parece existir uma concordância pacífica na academia, nem no que tange à nomenclatura, nem no que concerne ao *modus operandi* dessa hibridização. Três termos parecem conviver no âmbito do mesmo campo semântico, sem que se estabeleça um limite claro para sua abrangência: infografia, hiperescrita e ciberescrita. A guisa de problematização, quer-se aqui propor alguns argumentos em defesa da infografia como opção mais adequada ou, ao menos, menos problemática do ponto de vista etimológico e menos susceptível a desdobramentos semânticos equivocados.

Do ponto de vista etimológico, infografia se destaca como um termo mais adequado que *ciberescrita* e *hiperescrita*, porquanto o radical *grafia* parece, sob um olhar sincrônico do vernáculo, muito menos marcado pelo campo semântico da escrita alfabética que o vocábulo *escrita*. Parece pertinente observar que, muito embora tanto o latim *scribere* quanto o grego *graphein* suponham o ato de escrever a partir de uma matriz alfabética greco-latina, o vernáculo reservou para o segundo uma conceituação mais abrangente de grafia. Dessa forma, parece um sentido corrente a compreensão de que *grafar* compreende uma gama muito maior de procedimentos que *escrever*, muito embora o compreenda. Por outro lado, persiste, em detrimento do segundo e do terceiro termos, o problema de uma prefixação que gera ambigüidade, abrindo a interpretações um tanto heterodoxas, e que não encontra sustentação no que se tem visto de produção concreta no âmbito do hipertexto. Não há como não reconhecer no prefixo *hiper* a idéia latente de superação, de sobrevalorização, de transcendência. Quanto ao prefixo *ciber*, a definição construída por Espen J. Aarseth já fornece todos os elementos

necessários à compreensão das implicações teóricas que ele acarreta, conquanto afirme que

Cyber is derived from *cybernetics*, the name of Norbert Wiener's science of "control and communication in the animal and the machine," again derived from the Greek *kybernētēs*, steersman (compare governor). A cybertext is a self-changing text, in which scriptons and traversal functions are controlled by an immanent cybernetic agent, either mechanical or human (In: LANDOW, 1995, p. 71)⁴.

A idéia de uma lógica auto gestora, supra-humana, portanto, instituinte de uma nova práxis, resulta por demais idealista e não consegue dar conta da complexidade das relações humanas mediadas pela Infografia e que são, a despeito das influências das TIC, plenamente humanas e plenamente engajadas na práxis social dos sujeitos.

Nesse sentido, a marca da lógica cultural da pós-modernidade é inseparável do prefixo *ciber*⁵, carregando-o com o peso dessa nova ordem cultural que não encontra respaldo na realidade concreta como assevera Fredric Jameson ao considerar que

dotar a cultura pós-moderna de qualquer originalidade histórica equivale a afirmar, implicitamente, que há uma diferença estrutural entre o que se chama, muitas vezes, de sociedade de consumo e momentos anteriores do capitalismo de que esta emergiu (JAMESON, 2002, p. 80).

Por "diferença estrutural", parece razoável supor uma ruptura das bases que sustentam o modelo sócio-econômico-político do Capitalismo, isto é, a forma como a sociedade ocidental tem se organizado a partir da Modernidade, o que carece de uma comprovação empírica. Antes, entende-se por mais coerente uma análise da contemporaneidade que veja nela um estágio do Capitalismo, quer se opte pela denominação "sociedade em rede", cara a Manuel Castells (2005), quer se opte por "capitalismo tardio", como defende Ernest Mandel ou pelo conceito bem mais marxista de Fredric Jameson: "capitalismo multinacional" (JAMESON, 2002, p. 61).

Assim, os prefixos *hiper* e *ciber* trazem em si uma carga semântica que, adicionada ao radical *escrita*, considerando os argumentos precedentes, não dá conta da abrangência da categoria em questão, ao tempo em que trazem consigo uma matriz ideológica que desvirtua o conceito de hibridização de linguagens – que subjaz à *infografia* – e pressupõe algo como que uma nova escrita que suplanta a pretensa antiga escrita. Como já afirmado, não há como apagar do prefixo hiper a noção de posição superior, de superação e de excesso a ele inerente. A questão, porém, é que os procedimentos infográficos que se quer englobar com o termo *hiperescrita* não supõem nenhum dos elementos contidos na significação vernácula de *hiper*. O que se quer chamar de *hiperescrita* não supera, excede ou se sobrepõe à escrita. Antes, é um conjunto de interações entre linguagens várias, sob a ótica da multiplicidade e não da hierarquização, para otimizar suas potencialidades e, assim, utilizar-se

de todas os mecanismos disponíveis para dinamizar e otimizar a produção e a difusão do conhecimento. Supõe, por conseguinte, integração, “colaboração” entre as diversas linguagens, maximizando suas potencialidades, em lugar de sobreposição ou substituição. Nesse sentido, o princípio colaborativo, aqui entendido no âmbito das relações entre as linguagens, já se anuncia na compreensão de George P. Landow sobre as relações entre os documentos na rede ao considerar que

from this crucial shift in the way text exists in relation to others [a existência do texto na rede e não apenas no isolamento do livro] derive two principles [...]: first, any document placed on any networked system that supports electronically linked materials potentially exists in collaboration with any and all other documents on that system; second, any document electronically linked to any other document collaborates with it (LANDOW, 1997, p. 105).

No que concerne à ciberescrita, o prefixo *ciber* traz uma marca conceitual de determinismo tecnológico que não parece cabível no âmbito das construções humanas. Pelo contrário, é o próprio processo histórico que determina o surgimento das tecnologias: elas nascem da demanda humana e respondem a necessidades concretas. Nesse sentido, as novas tecnologias se explicam a partir de uma “transformação social levada a ocorrer pelas condições de existência no contexto” (MATTA). Também Castells, analisando o modo de produção informacional no qual se inscrevem as novas tecnologias da informação e comunicação, é categórico ao afirmar que

“the new centrality of information processing results from the evolution in all the fundamental spheres of the industrial mode of development, under the influence of economic and social factors and structured largely by the mode of production” (CASTELLS 2002, p. 17).

O que está em jogo, portanto, no conceito de ciberescrita é a assunção, sob este ponto de vista inaceitável, de que os processos tecnológicos que conformam o modo informacional de produção se dão por geração espontânea ou impõe ao ser humano mudanças de práxis nascidas da própria tecnologia e não das demandas sociais.

Em favor da *infografia* ainda advoga o prefixo *info* a denotar o suporte sobre o qual se grafa e o modo de produção⁶ dentro do qual ela se inscreve (CASTELLS, 2002, p. 10). Nesse sentido, *infografia* bem poderia ser definido como procedimentos de grafia das mais diversas linguagens sobre suporte informacional. Dentro deste conceito se podem enquadrar a escrita, os sons, a iconografia, o movimento, enfim, todos os códigos passíveis de utilização no âmbito do hipertexto. Tanto pela via positiva, das virtudes do termo *infografia*, quanto pela via negativa, das inconveniências dos termos *ciberescrita* e *hiperescrita*, parece evidente que o primeiro se sobrepõe aos outros dois tanto por sua maior coerência quanto por se tornar menos propenso a conflitos semânticos que acabem por torná-lo pouco preciso e impreciso a sua função de delimitador semântico da categoria em questão.

Não se pode, todavia, negar que a denominação de *hiperescrita* encontra, em seu favor o forte princípio do paralelismo lingüístico com hipertexto – forma já consagrada pelo uso e que, em função das características que lhe são próprias e da natureza mesma do conceito de textualidade, parece absolutamente coerente. É pertinente, portanto, o paralelismo texto/hipertexto, escrita/hiperescrita. Todavia, os argumentos contrários à nomenclatura em questão parecem ser mais fortes que o princípio do paralelismo, bem como a própria compreensão que o binômio texto/hipertexto carrega em si maior propriedade, na medida que o texto está para muito além da escrita. Em função disso, parece ser plenamente cabível a abrangência do conceito de texto para além das fronteiras da linguagem verbal, açambarcando o vasto universo de linguagens não verbais, mas não a de escrita. Uma tela é um texto, mas não uma escrita *stricto sensu*. Isto posto, o paralelismo texto/hipertexto não incorre nas inconsistências que parecem evidentes no paralelismo escrita/hiperescrita e para cuja discussão este texto quer ser uma contribuição.

O que se advoga aqui, por conseguinte, é que a opção por *infografia* denota a compreensão de que o processo de hibridização das linguagens em ambiente informacional – linguagens verbais, sonoras, icônicas, pictóricas e gestuais – propiciou o desenvolvimento de um modo novo de produção textual – o hipertexto – em que essas linguagens interagem e se complementam, com limites bastante tênues, mas nega tanto uma superação da escrita com pertencente a uma outra lógica já colocada no ostracismo quanto o conseqüente desenvolvimento de uma pretensa nova escrita que, acoplando elementos remanescentes mas se constituindo enquanto nova categoria, funda um novo código gráfico em si distinto da escrita.

CONCLUSÃO

O advento das TIC e o conseqüente desenvolvimento do hipertexto como possibilidade de construção dialógica e polifônica (RAMAL, 2002) sobre aparato informacional levou a constituição de um novo mecanismo de produção verbal e não verbal que desse conta das novas necessidades geradas pelo Informacionalismo (CASTELLS, 2002, p. 12): *infografia*. Esse instrumento, se bem entendido, inaugura a concretização de uma possibilidade há muito sonhada: a interação dos signos verbais com outras linguagens, outras estruturas sígnicas, dando-lhe, movimento, cor, textura, brilho, enfim, uma dinamicidade antes irrealizável, não obstante ter sido sonhada e mesmo tentada em outros momentos da história, malgrado as condições objetivas adversas das tecnologias da informação, o que decretou o fracasso de toda e qualquer tentativa nesse sentido, por inadequação dos meios tecnológicos disponíveis.

Entendida como o imbricamento das múltiplas linguagens verbais e não verbais sobre aparato informacional, a *infografia* se inscreve com a possibilidade concreta, agora em condições tecnológicas absolutamente favoráveis, de desenvolvimento de novas trilhas de construção textual nas malhas do suporte digital, acentuadamente na rede mundial de computadores, na medida em que inaugura a possibilidade concreta de hibridização de linguagens até então díspares. Muito embora, ao longo da história, possa-se

encontrar exemplos de tentativas de coexistência e mesmo de interação entre códigos em si distintos, nunca foi tão fácil, tão comum e tão adequada a interação dessas linguagens verbais, sonoras, icônicas, gestuais, adicionando-lhes a perspectiva de movimento e de tridimensionalidade. Enfim, a infografia põe termo ao divórcio inconcebível entre as linguagens humanas.

A infografia, portanto, encontra seu âmbito de atuação para além das dimensões da escrita e consagra definitivamente a ampliação da noção de textualidade e de leitura para muito além das fronteiras estreitas da linguagem verbal. Não se trata, por conseguinte, de superação da escrita como tal, uma vez que incorpora entre seus instrumentos aqueles próprios da escrita alfabética e não altera a “natureza dialógica do discurso” (BAKHTIN, 2002, p. 272), imanente na produção de sentido, que subjaz à língua, mas de incorporação de linguagens outras que, unidas à escrita sobre aparato informacional, altera as possibilidades de produção e difusão do conhecimento, na medida em que possibilita o concurso de outros mecanismos de comunicação. Assim, a infografia parece superar a prensa de Gutenberg e os padrões de produção textual condicionados por essa tecnologia, na medida em que possibilita interações impensáveis sobre a celulose. Nessa mesma lógica, a defesa do termo *infografia* como mais adequado para a delimitação teórica dessa categoria quer afastar dele toda a noção de superação e hierarquia que as outras nomenclaturas parecem conter.

¹ Graduado em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (Bahia), Especialista em Literatura pela Universidade Católica do Salvador (Bahia), Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (Salvador/BA) e Professor Auxiliar do Departamento de Educação, Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (Conceição do Coité/BA)

² Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

³ Grifo do autor.

⁴ Grifo do autor.

⁵ Lúcia Santaella, ao definir ciberespaço como “um mundo virtual global coerente, independente de como se acede a ele e como se navega nele” (SANTAELLA, 2004, p. 40) exemplifica claramente esse modo de pensar segundo o qual o prefixo *ciber* marca esse processos ahistóricos.

⁶ [...] modes of development are the technological arrangements through which labor acts upon matter to generate the product, ultimately determining the level of surplus (CASTELLS, 2002, p. 10).

REFERÊNCIAS:

ALVES, L. R. G.; NOVA, C. C. **Estação online: a “ciberescrita”, as Imagens e a EAD.** In: _____. **Educação Online.** São Paulo: Loyola, 2003. p. 105-134.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CASTELLS, Manuel. **The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional Process**. Oxford, UK & Malden/Massachusetts, USA: Blackwell, 2002.

_____. **A Sociedade em rede**. Volume I. 8ª edição revista e ampliada. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LANDOW, George P. (ed). **Hyper/Text/Theory**. Baltimore/USA: The Johns Hopkins University Press, 1995.

LANDOW, George P. **Hypertext 2.0: the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology**. Revised & amplified edition. Baltimore/USA: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias para a Colaboração**. Disponível em <http://www.matta.pro.br/pdf/prod_1_tecnologiascolabora.pdf>. Acesso em 22 out. 2004.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artemed, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Marco. **Educação na Cibercultura: o desafio comunicacional do professor presencial e online**. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, nº20, p. 261-271, jul./dez., 2003.